

## GINÁSTICA RÍTMICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: um novo olhar a partir das culturas africana, afro-brasileira e indígena

MEDEIROS, Andra Rafaela dos S. S. <sup>1</sup>

MARTINS, Vívian Caxias <sup>2</sup>

SILVA, Maria Eduarda N. da <sup>3</sup>

BASTOS, Robson dos Santos <sup>4</sup>

MOTA, Joselene Ferreira <sup>5</sup>

**RESUMO:** Este trabalho visa apresentar as experiências vivenciadas por acadêmicas do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Estado do Pará, campus Belém, através do Programa da Residência Pedagógica (PRP) — financiado pela CAPES. As aulas foram ministradas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Teodora Bentes, em Belém-PA. Tivemos por objetivo geral analisar as contribuições da cultura africana para o ensino da ginástica rítmica nas aulas de educação física da Escola acima citada. Além de descrever e analisar o trabalho desenvolvido nas aulas, apresentando nossas vivências. Consideramos que apesar dos desafios enfrentados, o trabalho desenvolvido contribui para uma formação que busca ampliar o conhecimento sobre a cultura africana, comumente invisibilizadas no currículo escolar. Contribuindo, assim, para a formação antirracista dos residentes, do professor preceptor e dos alunos da escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Programa Residência Pedagógica; Ginástica Rítmica, Cultura Africana.

### INTRODUÇÃO

A Ginástica foi produzida e modificada em diferentes momentos históricos, de acordo com as transformações sociais, econômicas, políticas e epistemológicas de cada período, ou seja, é compreendida como uma produção humana. Desde os primórdios, a Ginástica tem sido uma prática estudada e uma "ciência" do movimento humano, adaptando-se às mudanças sociais e políticas ao longo dos séculos.

Segundo o Coletivo de Autores (2012, p. 54), a Ginástica pode ser entendida como “uma forma particular de exercitação”, mas que tampouco pode ser vista como a única

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Educação Física, Bolsista do Programa Residência Pedagógica, UFPA, *Campus* Belém, andrarafaele@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Educação Física, Bolsista do Programa Residência Pedagógica, UFPA, *Campus* Belém, viviancaxiasmartins@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Licenciatura em Educação Física, Bolsista do Programa Residência Pedagógica, UFPA, *Campus* Belém, mariaae.crispo@gmail.com

<sup>4</sup> Graduado em Educação Física, Doutor em Educação pela UFPA, *campus* Belém, professor da rede estadual de ensino do estado do Pará, docente do Curso de Educação Física da Escola Superior Madre Celeste – ESMAC e integrante da Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer – LEPEL/UFPA, robsonbastos@hotmail.com

<sup>5</sup> Graduada em Educação Física/Coordenadora do Subprojeto de Educação Física da UFPA -*campus* Belém - integrante do grupo Linha de Estudos e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer -LEPEL/UFPA, ljoselefenemota@yahoo.com.br



forma de movimento do corpo. Importante ressaltar que, por ter sofrido influências de diferentes contextos culturais e sociais ao longo da história, a ginástica gerou uma diversidade de manifestações e utilizações. Dessa forma, a adaptação dos conteúdos, metodologias, técnicas e exigências da ginástica ao longo do tempo reflete a necessidade de atender às demandas humanas em diversos aspectos como materiais, espirituais, econômicos, sociais, culturais, morais e afetivos.

Essa prática corporal tem um vasto campo de ação e possibilidades que podem ser abordadas dentro do contexto escolar. Dentre as diversas modalidades da ginástica, escolhemos a Ginástica Rítmica (GR) como objeto de ensino das aulas de Educação Física para desenvolver no primeiro bimestre do ano letivo de 2023, na Escola Estadual Teodora Bentes. A GR, como conhecemos hoje, é fruto da ginástica moderna, que ao longo dos anos assumiu diferentes denominações, como ginástica feminina moderna, ginástica rítmica moderna e ginástica rítmica desportiva, sendo a denominação "ginástica rítmica" algo mais recente, do século XXI.

Para Mendes (2008, p. 120), “é difícil definir as origens, mas se sabe que a ginástica rítmica começou a ser praticada desde o final da Primeira Guerra Mundial, mas não possuía regras específicas nem uma denominação, mas já utilizava elementos de coreografia de dança”. Apesar de boa parte da literatura apontar que a sistematização da Ginástica se deu na Grécia, é possível encontrar registros de práticas associadas à Ginástica Rítmica no Egito Antigo (3500 a.C.).

Gama-Rolland (2017) revela em sua pesquisa que há registros arqueológicos do Egito Antigo chamados cenas parietais — um tipo de arte rupestre — que mostram mulheres fazendo malabarismo com bolas ou jogando bolas umas para as outras, prática que aparenta ter sido exclusivamente feminina. A autora cita outras atividades representadas com o uso de bastões, aros e movimentos de rodopio. Além disso, esse estudo revela que:

Outra prática física bastante presente nas representações egípcias de atividades corporais é a dança ou algo como uma dança acrobática que parece ter sido executada tanto por homens quanto por mulheres, sendo composta por piruetas, saltos e exercícios de grande dificuldade, que poderiam ser exibidos como um espetáculo (GAMA-ROLLAND, 2017, p. 12).

Tais movimentos e elementos são característicos da ginástica rítmica até os dias atuais. Portanto, fica evidente que esses registros tanto de iconografia ou de documentos escritos desempenham um papel fundamental no entendimento das atividades físicas



egípcias antigas, fornecendo informações valiosas sobre essas práticas. Quebrando, dessa forma, com a lógica colonialista que busca introjetar na subjetividade da sociedade a ideia de que o surgimento da ginástica se deu na Europa, uma ideologia que busca promover o apagamento da história e da cultura africana.

Segundo a Lei nº 9.394, de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mais conhecida como LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), no Art. 26 a Educação Física é um componente curricular obrigatório da educação básica. Assim é definido que:

os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2023, p. 21).

Nas mais recentes políticas curriculares brasileiras — seja os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) ou a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) —, a Ginástica é um conteúdo apresentado como conhecimento a ser abordado nas aulas de Educação Física, durante toda a educação básica. A proposta de trabalho com esse conhecimento é apresentada nessas políticas a partir de uma visão eurocêntrica e esportivizada sobre sua prática. No entanto, sua legitimidade se dá na possibilidade do aluno interpretar aquilo que é subjetivo da Ginástica através do próprio corpo, sem excluir o que as relações sociais podem proporcionar — a partir da perspectiva de movimentos em duplas ou grupos (COLETIVOS DE AUTORES, 2012).

Na atual política curricular brasileira (BNCC), o conteúdo Ginástica aparece em dois momentos: primeiro como unidade temática que desemboca em três classificações; e, depois, na unidade temática Esportes, que contempla a ginástica acrobática, aeróbica esportiva, artística, rítmica e de trampolim, visto que as ginásticas competitivas foram consideradas como práticas esportivas no documento (BRASIL, 2018). Apesar das ressalvas sobre esse documento, levamos em consideração a BNCC como documento de caráter normativo que assegura as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica, conforme o Plano Nacional de Educação (PNE).

Como marco importante para o trabalho com os conteúdos da Educação Física relacionados à Cultura Africana, temos a inclusão obrigatória em todo o currículo oficial da



I CONE... rede de ensino escolar a temática História e Cultura Afro-Brasileira e Índígena, por meio da Lei nº 11.645, de 2008, “resgatando as contribuições desses dois grupos étnicos nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil” (BRASIL, 2023, p. 23).

Segundo a Resolução nº 7/2010, a qual fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, ao tratar sobre esse tema, afirma que,

[...] Sua inclusão possibilita ampliar o leque de referências culturais de toda a população escolar e contribui para a mudança das suas concepções de mundo, transformando os conhecimentos comuns veiculados pelo currículo e contribuindo para a construção de identidades mais plurais e solidárias (BRASIL, 2010, p. 34).

Ainda de acordo com Resolução nº 7/2010, em seu artigo 16, parágrafo 2º, a “transversalidade constitui uma das maneiras de trabalhar os componentes curriculares, as áreas de conhecimento e os temas sociais em uma perspectiva integrada” (BRASIL, 2010, p. 5). Dessa forma, podemos recriar e difundir os “valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática” preconizados pela LDBEN, atribuindo-os às diferentes práticas corporais e seus sujeitos.

Apesar da importância histórica das políticas curriculares que regulam o ensino da Educação Física e conhecimento da ginástica como um de seus conteúdos, não há avanços na relação com a história e a cultura africana e afro-brasileira; e mesmo após a promulgação da Lei nº 11.645/2008, os documentos normativos e orientadores para o currículo escolar não apontam a relevância e a influência desses temas na construção da história das práticas corporais.

## **DESENVOLVIMENTO DAS AULAS COM A GINÁSTICA**

Reconhecendo a identidade cultural dos povos e grupos como elementos primários das práticas corporais, esse trabalho teve por objetivo geral analisar as contribuições da cultura africana para o ensino da ginástica rítmica nas aulas de educação física da Escola Teodora Bentes. Especificamente, buscamos (1) identificar os elementos ginásticos presentes nas práticas corporais africanas do antigo egito; (2) descrever o trabalho desenvolvido com a ginástica nas aulas de educação física da Escola Teodora Bentes a partir da cultura africana; e (3) analisar o desenvolvimento do trabalho com a ginástica nas aulas de educação física da Escola Teodora Bentes.

Desta forma, descrevemos o trabalho desenvolvido nas aulas com a ginástica e as experiências resultantes dos processos de ensino/aprendizagem com a Ginástica Rítmica. Além disso, apresentaremos os caminhos utilizados nas aulas com o intuito de romper com os paradigmas eurocêntricos presentes na GR, proporcionando experiências significativas para a formação dos alunos. Conforme Taffarel (1985), é necessário dar oportunidade ao aluno para que ele assuma papel ativo no processo ensino-aprendizagem, criando, imaginando, criticando, decidindo.

O presente trabalho consiste em um relato de experiência, resultado de uma prática pedagógica em andamento, desenvolvido pelo professor preceptor e os bolsistas do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal do Pará, no subprojeto “*As Práticas Corporais como Ações Humanas no Tempo e no Espaço*”, campus Belém. Tal ação aconteceu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Teodora Bentes — localizada na Rua Padre Júlio Maria, nº 1090, no bairro Ponta Grossa do distrito de Icoaraci, na cidade de Belém do Pará.

Nossas vivências iniciaram no final de janeiro de 2024, primeiro na Faculdade de Educação Física da UFPA e depois na Escola Teodora Bentes, onde as aulas estão sendo ministradas para duas turmas do 6º e duas turmas do 7º ano do ensino fundamental. Na Universidade, foi realizado um planejamento com todos os bolsistas do subprojeto, professores preceptores de outras unidades escolares e a coordenadora de área. Na escola, antes de iniciarmos as regências, o professor preceptor, responsável pelas aulas de Educação Física na escola, realizou uma reunião com os bolsistas do programa com o intuito de planejar a organização do bimestre. Esta organização levou em conta o que foi planejado na reunião geral, onde foi definido o tema “Ginástica Rítmica e a questão étnico-racial” como referência para todos os pólos onde o programa estava sendo realizado. Como decisão metodológica, antes de abordarmos a Ginástica Rítmica falaríamos da Ginástica Geral, a fim de instrumentalizar os alunos sobre a origem, os fundamentos e os tipos de ginástica para, na sequência, abordarmos especificamente a GR.

Como objetivo geral no ensino da ginástica foi definido: “proporcionar a aprendizagem de conhecimentos básicos acerca da Ginástica Rítmica (GR) e suas relações com as questões étnico-raciais”; enquanto objetivos específicos: (a) apresentar a origem da Ginástica e suas ramificações - em específico a GR; (b) problematizar a presença/ausência



dos corpos negros e indígenas na Ginástica institucionalizada; (c) identificar na cultura afro-brasileira e indígena os elementos ginásticos; e (d) promover a ressignificação da composição coreográfica da GR, por meio da incorporação de elementos da cultura afro-brasileira e indígena.

Organizamos o conteúdo progressivamente em constituição da Ginástica; definição, características e equipamentos; corpos negros e indígenas na Ginástica; movimentos e técnicas da GR; e organizações coreográficas associadas às danças afro-brasileiras e indígenas. Após a reunião de planejamento, foi elaborado um plano de aula para três aulas, para as turmas citadas. A sequência didática foi baseada na Pedagogia Histórico Crítica (PHC) que, segundo Saviani (2007), caracteriza-se com cinco etapas que o professor deve promover no processo pedagógico, para que o processo de ensino-aprendizagem tenha resultados satisfatórios, sendo estas: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final.

As aulas foram desenvolvidas tendo como ponto de partida o conhecimento prévio dos alunos acerca dos conteúdos desenvolvidos. Durante esse processo, buscamos problematizar a relação desse conhecimento com as questões étnico-raciais e outros temas sociais transversais, para confrontar o conhecimento prévio com o conhecimento produzido pela humanidade sobre o tema. Realizamos isso por meio de aulas expositivas, vídeos, leitura de textos e vivências corporais.

Iniciamos nossa regência com um diálogo sobre a Ginástica, orientado com as seguintes questões: ***“O que os alunos conhecem sobre Ginástica? De onde surge a ginástica? Conhecem as modalidades e quais veem na mídia? Sabem que nem todas são esporte? Conhecem os fundamentos básicos? Em quais momentos do dia eles realizam movimentos que envolvem gestos como: arremessar, receber, chutar, agarrar, rebater, andar, correr, saltar e equilibrar?”***

Após a conversa inicial, em todas as turmas percebemos que os alunos tinham dificuldade em relação às questões levantadas. Então, para reforçar esse diagnóstico dos conhecimentos prévios, solicitamos duas atividades aos alunos. Na primeira atividade buscamos identificar o que seria Ginástica em suas concepções, que poderia ser por escrito ou sob forma de desenho. Na segunda atividade pedimos que pesquisassem em casa, através internet: ***“O que é a Ginástica? Qual sua origem? E quais os tipos de Ginástica existentes?”***



No processo de instrumentalização dos alunos, utilizamos um notebook conectado à uma televisão para expor o conceito, o percurso histórico e os campos de atuação da Ginástica. Após esse momento, apresentamos diversas fotos de atletas ginastas e questionamos aos alunos se eles se sentiam representados, iniciando, assim, a problematização a respeito das questões étnico-raciais envolvendo a ginástica e contexto social. Nesse processo, foi feito ainda a problematização de como para as mulheres a representatividade pode ser menor, especialmente para a mulher negra.

Na abordagem mais específica sobre a Ginástica Rítmica, realizamos a instrumentalização dos alunos sobre conceitos, percurso histórico e características da modalidade. Após isso, foram realizados questionamentos aos alunos se existem coisas na ginástica que só podem ser feitas por meninos e coisas que só podem ser feitas por meninas; e se na vida existe essa mesma separação de gênero.

Desta forma buscamos identificar possíveis posicionamentos discriminatórios reproduzidos nos valores e significados atribuídos pelos alunos às diversas práticas corporais, visando fomentar o debate e a compreensão das consequências dessas problemáticas, em acordo com a necessidade da transversalização de temas sociais ao currículo. Esse processo está de acordo com o que é determinado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:

Art. 16 Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social [...] e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo (BRASIL, 2010, p. 5).

No momento catártico, onde os elementos incorporados já dão base para os alunos discutirem o que na prática social foi instigado com teor mais crítico, devido ao que já foi instrumentalizado (FREITAS, 2019), buscamos identificar se os alunos assumiram uma nova postura refletindo sobre tudo que foi abordado, visando enriquecer o aprendizado e promover a valorização da diversidade cultural.

A partir disso, demos sequência para as vivências práticas com objetivo de proporcionar a apropriação do conteúdo ministrado. Em cada aula os alunos experimentaram práticas corporais diferentes, desde os movimentos básicos da ginástica de solo ao manuseio de equipamentos, como bola (adaptada), corda e arco, relacionados aos



I CONE... movimentos de giro, saltos, rolamentos, manejo de bola e arco em diferentes partes do corpo que progressivamente foram incluídos em atividades mais complexas, até completarem a realização de um circuito com várias estações.

Ressaltamos que não exigimos, durante as atividades práticas, a perfeição na execução das técnicas de ginástica, mas apenas que todos experimentassem as atividades propostas — respeitando os limites de cada aluno. Na fase de regência, tanto a ministração das aulas teóricas como das atividades práticas foram essenciais para nossa formação acadêmica, pois ampliaram nosso olhar crítico sobre como será a realidade no contexto escolar.

Cada vivência nos proporcionou experiências incríveis, mas que também nos demonstraram os desafios enfrentados pelos professores do ensino público, como por exemplo, em relação à infraestrutura: a quadra da escola não possui condições adequadas de cobertura e piso para as aulas, mas, ainda assim, as práticas são realizadas neste espaço. Quando a chuva cai, todos são obrigados a se deslocar para o refeitório ou permanecer em sala. Além desse obstáculo, durante as regências ficou visível que a maioria dos alunos não possui um conhecimento prévio sobre o conteúdo que foi abordado nas aulas de Educação Física, além de atrasos na aprendizagem, como na assimilação e memorização do conteúdo. Identificamos também dificuldades dos alunos com conhecimentos básicos da área de linguagens, como na escrita e gramática. Somado a isso, há dificuldades para a argumentação durante os momentos de problematização.

Apesar dos inúmeros desafios, o trabalho com o conteúdo foi desenvolvido de forma satisfatória, tendo todas as interações entre residentes e alunos como de suma importância para uma evolução no desenvolvimento da formação acadêmica dos residentes e, assim esperamos, dos alunos.

Buscando ainda ressignificar a compreensão dos alunos sobre a GR e visando romper com os paradigmas impostos pela ginástica institucionalizada, pretendemos apresentar o resultado desse processo na II Mostra de Ginástica da escola Teodora Bentes, por meio de construções coreográficas que incorporem elementos da cultura afro-brasileira e indígena, proporcionando experiências significativas para a formação dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



A partir da experiência relatada percebemos que o Programa Residência Pedagógica, por meio do subprojeto de Educação Física na UFPA — campus Belém — nos proporcionou oportunidades incríveis, que contribuíram para desenvolver o ensino crítico da Ginástica Rítmica aliada às culturas dos povos africanos e indígenas.

É de suma importância trabalhar as culturas africana, afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física, trazendo um olhar reflexivo para as diversas culturas e suas contribuições, agregando para uma formação docente que deseja ampliar aspectos de culturas que são invisibilizadas. Dessa forma, gerando novos caminhos na área, que propiciam olhares para além das práticas esportivas tradicionais e o mais relevante formar pessoas antirracistas.

## **AGRADECIMENTOS**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior(CAPES) que nos proporcionou experiências exitosas e ricas em aprendizado por meio do Programa Residência Pedagógica. À Linha de Estudos de Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer (LEPEL) por nos desafiar em afirmar a necessidade de uma educação antirracista nas aulas de Educação Física. À Secretaria de Educação do Pará (SEDUC) e à Universidade Federal do Pará por fecharem a parceria entre Universidade-Escola consolidando assim a função social de ambas instituições formadoras.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 7. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. 64 p. ISBN: 978-65-5676-392-7 (PDF). Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB\\_7ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdf). Acesso em: 3 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BRASIL. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 34. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf). Acesso em: 3 mar. 2024.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

FREITAS, Rhenan Ferreira de. A Pedagogia Histórico Crítica no estágio supervisionado em espaços escolares: limites e possibilidades para a prática pedagógica na educação física. Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2019.

GAMA-ROLLAND, C. A. Atividades físicas egípcias antigas: jogos, treinamento militar e a força real. R. Museu Arq. Etn., 29: 7-19, 2017.

MENDES, Evandra H.; HEIN, Francieli; KLEINSCHMIDT, Fabiane; NUÑEZ, Júlia C. L. KOCHEPKA, Sandra. Ginástica rítmica, sua origem e evolução em Marechal Cândido Rondon – PR. Caderno de Educação Física- Estudos e Reflexões, v 5 - nº 9 - V Encontro De Pesquisa Em Educação Física - 1ª Parte - p. 119 A 124. Disponível no link: <https://saber.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/view/1356/1102>.

RAMOS, J. J. Os exercícios físicos na história e na arte. São Paulo: IBRASA, 1982.

SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 17ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações. 10ª ed. Ver. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TAFFAREL, C. N. Z. Criatividade nas aulas de educação física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.